

ANÁLISE DE ATOS E EVENTOS DE FALA DA PERSONAGEM MACABÉA NO FILME A HORA DA ESTRELA

Ana Paula Martins Pinheiro©

RESUMO ©

O presente trabalho explora a cultura e a língua brasileira em sala de aula de Português Língua Estrangeira (PLE), através do cinema nacional. Entre outros filmes, foi selecionado *A Hora da Estrela* (1985), baseado na obra de Clarice Lispector e dirigido por Suzana Amaral para trabalhar os atos e eventos de fala. A análise é realizada através da Teoria da Aculturação, da Teoria da Acomodação e da Teoria da Análise do Discurso.

PALAVRAS-CHAVE: cultura brasileira, Português Língua Estrangeira, análise de atos de fala .

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é comparar o livro *A Hora da Estrela* e o filme de mesmo nome, analisando, em três diálogos, os atos e eventos de fala da personagem principal Macabéa, através da Teoria da Aculturação, da Teoria da Acomodação (ambas Giles, 1997, in Ellis, 1985) e da Teoria da Análise do Discurso (Fairclough, 2001).

A análise

Comparando-se o livro *A Hora da Estrela* com o filme de mesmo nome, verificaram-se traços comuns nos textos. O foco principal da história, a vida de Macabéa, é preservado; os diálogos de Macabéa com seu namorado Olímpico ocorrem em espaços públicos; os diálogos de Macabéa com sua colega de trabalho Glória e com seu chefe Raimundo acontecem no escritório. A personagem

principal tem sua hora de estrela quando morre no final da história. Embora existam traços comuns, há algumas adaptações em relação à seqüencialização dos fatos, pois no filme a história foi ambientada em São Paulo, enquanto no livro se passa no Rio de Janeiro. No texto literário, há a presença de um narrador que relata a história da nordestina Macabéa, mostrando sua dificuldade em compreender seus conflitos mais íntimos. Algumas passagens narrativas do texto literário foram transformadas em diálogos no filme, como por exemplo os diálogos 2 (de Macabéa com a colega de trabalho) e 3 (de Macabéa com o chefe) analisados no presente trabalho.

Como a Teoria da Aculturação é um processo de adaptação do sujeito a uma nova cultura num ambiente de imersão em que os participantes são oriundos de países com culturas diferentes, foi necessário abordar o filme *A Hora da Estrela* pelo viés da Teoria da Acomodação, (Giles, 1997, in: Ellis, 1985), que tenta explicar como um sujeito de uma comunidade multicultural interage no grupo no qual está inserido, e como o grupo o recebe e reage. Os grupos étnicos envolvidos nesse processo vêm de diferentes regiões de um mesmo país, compartilhando a mesma língua, fato ilustrado pela personagem principal do filme *A Hora da Estrela*, que migra para a cidade grande.

Um indivíduo passa a ser o *outro* quando se desloca de seu grupo de origem, *ingroup*, para um novo grupo, *outgroup*. Para ocorrer a *acomodação*, esse novo agente precisa ser aceito e ter um sentimento de pertencimento em relação

ao *outgroup*. A personagem Macabéa atua como o *outro* e os integrantes do *outgroup* dominante são os paulistanos, que atuam, em alguns momentos, como facilitadores para que o *diferente* possa se adaptar. Esse movimento de aceitação mútua pode ser observado no filme em questão, na relação da personagem principal com sua colega de trabalho e seu chefe, que atuam como facilitadores para que possa ocorrer a adaptação de Macabéa na comunidade a qual ela se insere.

Segundo a Teoria da Aculturação, o facilitador é aquele que atua como intermediário quando faz um convite de interação para o *outro*, dando espaço para que esse se expresse e seja ouvido, facilitando assim sua integração no grupo alvo.

Para analisar as falas de Macabéa interagindo com seus pares, foi preciso ancorar-se na Teoria da Análise do Discurso de Fairclough (2001), concentrando-se no controle interacional, na modalidade, na polidez e no ethos. O controle interacional está relacionado diretamente com o estatus e a hierarquia dos participantes da conversação e com fatores sócio-culturais convencionados, inclui a tomada de turno, observando quem direciona a conversação, a troca e o controle de tópicos. A modalidade se dá através do uso de modalizadores, verbos e advérbios no discurso; é a relação de comprometimento e distanciamento entre os agentes e as falas. A polidez é a estratégia utilizada pelos participantes do discurso para atenuar os atos de fala, que são ameaçadores para sua própria face. O ethos é a relação intertextual que constitui um ponto no qual se pode unir as diversas características do discurso e do comportamento em geral que constroem uma visão particular do *eu*. Essas propriedades estão ligadas à função interpessoal da linguagem e aos significados interpessoais, focalizando a função do discurso na construção de identidades sociais, construção do *eu* no

discurso, e relações sociais, bem como sua contribuição para processos de mudança cultural e transformação social, em que as identidades sociais e as instituições específicas são redefinidas e reconstituídas.

Os assuntos entre Macabéa e seu namorado Olímpico versam sobre a origem de seus nomes, seus sonhos, seus desejos, comportamento e sobre o que ela ouve no rádio.

A transcrição dos diálogos do filme passou por uma adaptação ao modelo de Fairclough, na qual as pequenas pausas são marcadas com seqüência de pontos, as pausas longas com travessões e os colchetes mostram as superposições.

O primeiro diálogo analisado é entre Macabéa e Olímpico. Passa-se num parque, local onde os dois costumam se encontrar, ambos estão sentados num banco observando a sua volta, após um longo período de silêncio, Olímpico inicia a conversa:

DIÁLOGO 1

- Olímpico: Pois é
- Macabéa: Pois é o quê? ...
- O: Eu só disse pois é!
- M: É ... mais pois é o quê? –
- O: 5 É melhor a gente mudar de conversa, porque você não entende
- M: Entender o quê?
- O: Ai meu Deus ...
Macabéa vamos mudar de assunto
- M: Falar então de quê?
- O: Por que você não fala de você?
- M: 10 Eu ?! ...
- O: Por que esse espanto?
... gente fala de gente

M: Ah ... mas eu não acho que sou muita gente

O: Se você não é gente, o que você é então?

M: É que eu ainda não tô acostumada

O: 15 O quê? ... Não se acostumou com o quê?

M: É que eu não sei explicar será que eu sou eu?

O: Olha eu vou embora eu vou me embora porque você não tem é jeito.

M: E o que é que eu faço para ter jeito?

Enquanto Macabéa está pedindo ajuda para Olímpico, querendo saber o que pode fazer para ter jeito, ele a deixa sozinha e se dirige ao ponto de ônibus, ela o segue até lá onde iniciam uma outra conversa.

Nesse diálogo, constatou-se que Macabéa exerce o controle da conversação, porque é ela quem faz as perguntas, define e direciona os tópicos e as trocas de turnos. Observou-se que ela exerce a polidez nas suas interações comunicativas porque apresenta um nível de formalidade e uma fragilidade ao fazer perguntas ao seu namorado, o que pode ser interpretado como uma forma de mitigar a ameaça a sua auto-estima, a sua face; conforme pode-se observar nas linhas 16 *É que eu não sei explicar será que eu sou eu?! e 18 E o que é que eu faço para ter jeito?.* Em contraste, as perguntas e comentários de Olímpico são sem mitigação, diretas e até cruéis; isto é, ele não tem o cuidado de ser polido; conforme pode-se observar nas linhas 5 *É melhor a gente mudar de conversa, porque você não entende;* 13 *Se você não é gente, o que você é então?* e 17 *Olha eu vou embora eu vou me embora porque você não tem é jeito.*

Com relação ao *ethos*, apesar de Macabéa se sentir em posição inferior em relação aos seus interlocutores, pode-se observar que ela tem uma versão particular do seu *eu* construída, tem consciência de sua auto-estima baixa. Isso pode ser constatado nas linhas 12 e 14 quando ela sinaliza que não vale a pena falar sobre ela mesma, sendo ela tão pequena.

Macabéa utiliza modalizadores nas suas interações, o que se observa na linha 8 com o uso do advérbio *então* para fazer uma inquirição do que falar; na linha 12 com o uso do verbo modal *acho*, que configura modalidade subjetiva. Macabéa está confrontando, de forma polida, as suas idéias com as apresentadas pelo namorado, conforme se pode observar na linha 14 com o uso do advérbio *ainda*, com o qual ela deixa transparecer que está em processo de se dar conta, confessando que não sabe o que é, mas sinalizando que vai descobrir; na linha 16 com o uso do verbo modal *será*, que configura modalidade subjetiva, mostrando a dúvida em relação ao seu *ethos*; e na linha 18 quando solicita ajuda ao seu interlocutor, que não atua como facilitador, com o questionamento: *E o que eu faço para ter jeito?.*

O segundo diálogo analisado é entre Macabéa e sua colega de trabalho Glória e se passa no escritório onde ambas trabalham. Macabéa está chegando para trabalhar com um semblante triste, Glória, ao cumprimentá-la, pergunta preocupada por que a colega raramente sorri.

DIÁLOGO 2

Glória: Que cara é essa?

Me diz uma coisa, você é feliz?

Macabéa: Feliz serve para quê?

G: Você não pensa no futuro não?

M: 5 Futuro?

G: Por que você não vai na cartomante?

É ... você paga uma consulta e ela resolve a tua vida ...

M: É muito caro?

G: Eu te empresto dinheiro

Prá mim foi ótimo ela fez umas rezas

Eu acho até que vai dar certo.

Macabéa se interessa pela proposta de Glória e resolve aceitar o dinheiro emprestado e visitar a cartomante. Para tanto, ela usa o artifício da mentira dizendo que está com dor de dente e precisa ir ao dentista, a fim de pedir para o seu chefe autorização para sair mais cedo do trabalho.

No diálogo 2, observa-se que ocorre um movimento de aceitação mútua entre os agentes participantes da ação, pois Glória atua como agente facilitador para Macabéa, que representa o indivíduo do *ingroup* atuando como o *outro*.

Nesse diálogo, constatou-se que quem exerce o controle da conversação é Glória, porque é ela quem faz as perguntas, define e direciona os tópicos e as trocas de turno, agindo como facilitador para Macabéa. Observou-se que ambas exercem a polidez nas suas interações comunicativas, o que não ocorre no diálogo anterior quando somente Macabéa exercia a polidez.

O terceiro diálogo analisado é entre Macabéa e seu chefe, Raimundo, que acontece na seqüência do diálogo anterior. Esse diálogo é uma das passagens narrativas do livro que são transformadas em diálogo no filme.

Diálogo 3

Macabéa: Seu Raimundo?

O meu dente tá doendo muito, posso ir no dentista? ...

Volto logo

Raimundo: Pode, pode sim.

M: 5 Muito obrigado seu Raimundo, muito obrigado,

o senhor é um pai para mim

R: Macabéa ... não, não é nada não,

quando você voltar venha falar comigo.

Após agradecer, Macabéa sai contente da sala do chefe, pega o dinheiro que Glória lhe emprestou, pega um táxi e se dirige para a casa da cartomante.

Nesse diálogo, observou-se que o chefe de Macabéa atua como facilitador para ela porque se mostra solícito quando ela pede para sair mais cedo. Constatou-se também que nesse diálogo, como no anterior, ambos os participantes apresentam polidez na interação.

CONCLUSÃO

Observou-se que o filme e o livro são textos fragmentados, o que faz o filme ser fiel ao estilo do livro. Nessa análise, notou-se um nível de formalidade quando Macabéa faz perguntas a seu namorado, porque ela exerce a polidez e apresenta fragilidade ao fazer seus questionamentos. Olímpico, por sua vez, utiliza uma linguagem retórica, negando essa fragilidade ao esquivar-se das respostas.

A análise dos diálogos selecionados mostra que a personagem Macabéa não tem controle interacional, porque não é ela que direciona a troca de turno nas interações, já que sempre é levada pelos seus interlocutores, que têm controle sobre ela.

O presente trabalho não tem a pretensão de esgotar o assunto; para tanto, a análise dos diálogos fica aberta para novas interpretações à luz de outros

autores da área da análise do discurso, bem como outros aspectos do filme podem ser explorados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ELLIS, Rod. *Understanding second language acquisition*. London: Oxford, 1985.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Trad. Magalhães, I. Brasília: UnB, 2001.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1993.

NOTA

© Acadêmica do sexto semestre do curso de Letras, bolsista Prolicen.